

CONHECIMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS DO SEXO MASCULINO SOBRE O USO DO ANTICONCEPCIONAL DE EMERGÊNCIA

Laryssa Bezerra Silva¹; Nathália Lima de Pontes¹; Fernanda Souza e Silva Garcia².

¹Enfermeira pelo Centro Universitário Euro Americano (UNIEURO), Brasília, DF.

²Enfermeira, Doutora em Ciências, especialista em Docência do Ensino Superior, Bacharel e Licenciada em Enfermagem, Brasília, DF.

DOI: 10.47094/IICNNESP.2021/161

RESUMO

Objetivo: verificar o conhecimento sobre a prática do uso do anticoncepcional de emergência e o ciclo reprodutivo feminino por universitários do sexo masculino de uma instituição privada no Distrito Federal. **Método:** estudo seccional, desenvolvido com 111 participantes. A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto e novembro de 2019 e março de 2020, por um questionário autoaplicável. As análises foram feitas pelo software SPSS® versão 20.0. **Resultados:** 16,3% acreditam que o método deve ser utilizado antes da relação sexual, 38,7% afirmaram que o prazo máximo para utilização do método é de 24h ou 1º dia e 15,4% alegaram ser abortivos. **Conclusão:** o conhecimento dos universitários é deficiente, a prática do uso do AHE por suas respectivas parceiras sexuais é frequente. Observado comportamento dos universitários em suas relações sexuais ocasionais, sem o uso do preservativo, contribui para uma gravidez indesejada e obtenção de ISTs.

PALAVRAS-CHAVE: Anticoncepção pós-coito. Comportamento contraceptivo. Estudantes.

ÁREA TEMÁTICA: Educação em Saúde.

INTRODUÇÃO

O acesso de homens e mulheres aos métodos contraceptivos deve ser garantido pelos serviços de saúde e ofertado pelo governo na garantia da livre escolha em ter ou não filhos. A prática do uso dos métodos contraceptivos apresenta alta frequência, em conjunto aos anticoncepcionais de emergência, que corresponde ao método que pode ser utilizado nos dias após o intercurso sexual desprotegido (Soares et al., 2014; Vargas et al., 2017). É observado na literatura que a visão masculina ainda é limitada quanto ao conhecimento sobre anticoncepção, saúde sexual e reprodutiva, o que leva os homens a exercerem papel dominante, deixando essa questão sob a responsabilidade da mulher, em decorrência de uma construção histórica de gênero, social e cultural que impõe à mulher a decisão pela contracepção (Nogueira et al., 2018). Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo verificar o conhecimento sobre a prática do uso do anticoncepcional hormonal de emergência e o ciclo reprodutivo feminino por estudantes universitários do sexo masculino.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo seccional, com 111 universitários do sexo masculino, idade igual ou superior à 18 anos, regularmente matriculados em cursos de bacharelado e licenciatura das áreas de ciências biológicas, humanas e exatas, em qualquer semestre do curso de uma instituição privada do Distrito Federal, Brasília.

A coleta de dados foi realizada entre agosto de 2019 e março de 2020, por intermédio de um questionário autoaplicável, contendo 46 questões, entre objetivas e discursivas, relacionadas às características sociodemográficas, comportamento sexual, a atitude, o conhecimento dos participantes em relação ao anticoncepcional hormonal de emergência (AHE) e o ciclo reprodutivo feminino. A análise descritiva dos dados foi realizada no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS®), versão 20.0, a fim de identificar a frequência simples para as variáveis quantitativas, a tendência central (média e mediana) e dispersão (desvio-padrão) para as variáveis contínuas. O projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o número do parecer 3.487.552, de acordo com os preceitos éticos estipulados na Resolução nº466/12 e as autorizações institucionais necessárias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A idade média dos universitários variou de 24,46 anos (18 a 60 D.P. 7,63), 84,4% afirmaram ser solteiros (n=92). Destes 26,1% (n=29) do curso de Direito, 19,8% (n=22) do curso de Educação Física e 10,8% (n=12) do curso de Enfermagem, 30,9% (n=34) no 8º semestre e 21,8% (n=24) no 2º semestre.

Sobre a vida sexual dos participantes 81,1% (n=90) referiram já haver iniciado a vida sexual, com relação ao uso do AHE, verificou-se que 52,3% (n=45) dos participantes relataram que suas respectivas parceiras já havia utilizado o método, neste sentido 44,4% (n=48) afirmaram que a iniciativa para utilização do AHE foi referida como própria. A média da frequência do uso variou de 1 a 4 vezes ou mais ao ano, sendo que 31,9% (n=15) utilizaram 2 vezes ao ano, o principal motivo foi a relação sexual desprotegida com 63% (n=34), 14,8% (n=8) relacionaram à falha de outros métodos utilizados e 13% (n=7) mencionaram reforço de segurança associando a outro método contraceptivo.

No tocante ao conhecimento foi indagado aos participantes relativo ao AHE, 16,3% (n=17) acreditam que deve ser utilizado antes da relação sexual, 38,7% (n=41) afirmaram que após a relação sexual desprotegida o prazo máximo para a utilização do método é de 24h ou 1º dia e 0,9% (n=1) afirmou que o prazo máximo é de 120h ou até o 5º dia. A opinião dos acadêmicos em relação ao aborto 15,4% (n=16) informaram que o contraceptivo provoca aborto, frente aos riscos à saúde ao uso por suas respectivas parceiras 65,1% (n=69) alegaram desconhecer os agravos e 27,7% (n=28) não sabem que a frequência do uso do contraceptivo diminui sua eficácia.

No que compete ao conhecimento dos discentes do sexo masculino, quanto às fases do ciclo reprodutivo feminino, verificou-se que a frequência de acertos foi de apenas 22% (n=15) para menstruação, 20% (n=13) para ovulação, já 75% (n=58) conheciam sobre o período fértil.

No presente estudo, a população foi constituída por universitários do sexo masculino, escolha embasada com a justificativa da exiguidade de estudos que examinassem a visão masculina sobre o tema em estudo. A caracterização dos participantes evidenciou pela heterogeneidade da amostra quanto ao curso e semestre, sendo observado resultados que a predominância da amostra estava restrita ao curso de Enfermagem, com público alvo as discentes do sexo feminino (BATAGLIÃO; MAMEDE, 2011; VELOSO, et al, 2014). O estado civil dominante no estudo foi estar solteiro, sugere que os universitários estão priorizando a sua formação em primeiro plano e deixando para o segundo plano as uniões, sendo que, o estudo de Araújo (2018) apontou que a maior frequência de estudantes solteiros pode estar relacionada à realidade brasileira e mundial, onde se observou que os estudantes priorizam a formação profissional em busca da inserção no mercado de trabalho antes do casamento.

A maior parte dos participantes declarou já ter iniciado a sua vida sexual, o uso do AHE é relativamente alto entre os universitários e por suas respectivas parceiras, semelhante ao uso em âmbito nacional informado pelo MS e também encontrado na literatura, onde a proporção de jovens que relataram o uso do AHE permaneceu a mesma (BATAGLIÃO; MAMEDE, 2011; VELOSO, et al, 2014). Diante das informações relatadas os universitários estão tendo relações sexuais ocasionais e sem proteção, tornando-os vulneráveis aos agravos, tais como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e colocando em risco as suas respectivas parceiras a uma gravidez indesejada, dados estes que reflete com alto índice de não adesão ao preservativo masculino, podendo ser associado com a frequência dos participantes relatarem serem solteiros.

Com relação à frequência, a proporção de jovens que utilizam o AHE dentro de um ano apresentou-se elevada, dados semelhantes no estudo de Alano et al. (2012), que demonstrou a média de 2,4 vezes pelas universitárias. É um dado preocupante, uma vez que o Ministério da Saúde (2013) recomenda que o método deve ser usado uma vez por ano e deve ser empregado esporadicamente em situações específicas, uma vez que o uso indiscriminado e repetitivo em intervalos curtos, causa pouca eficácia no organismo. Os principais motivos referidos para a utilização do AHE entre os universitários coincidem quanto à indicação para o uso, onde a maior parte evidenciou relação sexual desprotegida e falhas de algum método, enquanto os demais utilizaram por insegurança em relação a outros métodos contraceptivos. Nesse contexto, ressalta-se que apenas um método anticoncepcional é eficiente, como a camisinha masculina ou feminina, uma vez que a camisinha confere ao indivíduo dupla proteção contra ISTs e gravidez indesejada.

A respeito do prazo para o uso do AHE, mostrou-se que a frequência de acertos foi considerada satisfatória, sendo que a maioria dos participantes informou que o prazo de uso do AHE é de 24 horas ou 1º dia, uma vez que quanto mais rápido a administração do contraceptivo, maior será a eficácia no organismo (VELOSO et al. 2014). Vale destacar que apenas um universitário informou o prazo máximo para uso do método, que é de até 120 horas ou até o 5º dia, como preconiza o MS (2013).

Quando se faz menção ao conhecimento sobre os riscos e complicações advindas do uso do AHE, foi verificado que grande parte dos universitários desconhece os malefícios agregados à saúde de suas respectivas parceiras, tais como doenças cardio-cerebrovasculares (BRASIL, 2011). No que concerne à iniciativa para a utilização do método contraceptivo, os mesmos se posicionaram em conjunto com as suas parceiras nas decisões ao uso do método em escolha, o que o torna como sujeito parte da reprodução, também poderá ser ativo e responsável pela iniciativa de escolha do método.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem difundido a ideia de que o momento da concepção, ocorre quando o “óvulo” se implanta no útero pela nidação, após a fecundação, e com base nesse argumento afirmam que a pílula do dia seguinte não é abortiva, corroborando com o nosso estudo (BRASIL, 2013). Tratando-se do conhecimento dos acadêmicos em relação à finalidade do uso do AHE, a porcentagem demonstrou-se elevada com 15% essa parcela julgou que o método deve ser utilizado antes da relação sexual, certificando que o conhecimento decorreu insuficiente e equivocado por parte dos participantes, o que acarretou muitos a não utilizarem ou utilizarem de forma incorreta. Por mais que os acadêmicos reconhecem as questões relacionadas ao ciclo reprodutivo feminino, a maior parte sobressaiu com respostas equivocadas, onde os homens relacionaram a menstruação como uma limpeza do organismo e associaram um fenômeno ao outro quando questionados a respeito da ovulação e fertilidade. Tendo em vista que os jovens do sexo masculino não se sentem estimulados quanto ao tema menstruação e ovulação, porém sobre a fertilidade destacou quanto aos acertos, pois o tema está relacionado à gestação.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos analisados, o conhecimento dos universitários é deficiente e a prática do uso do AHE por suas respectivas parceiras sexuais é frequente entre aquelas que já iniciaram a atividade sexual. Além disso, é preocupante o comportamento dos universitários em suas relações sexuais ocasionais, sem o uso do preservativo, sendo este o principal motivo alegado para a utilização do AHE, o que contribui para o comportamento de risco para gravidez indesejada e obtenção de ISTs.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Básica à Saúde. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. 1. ed. Caderno de Atenção Básica n. 26. Brasília-DF, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf. Acesso em: 10 mai 2020.

VELOSO, D.L.C. et al. **Emergency contraception: knowledge and attitudes of nursing students**. Revista Gaúcha de Enfermagem. Rio Grande do Sul, v. 35, n. 2, p. 33-39, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472014000200033&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 mai 2020.